

# MARIA, MÃE DE DEUS *e nossa!*

◆ Rosa Maria Dilelli Cruvinel\* ◆

A grandeza do mistério da maternidade divina de Maria e da sua maternidade espiritual como mãe da Igreja tem sua fundamentação nas Sagradas Escrituras. Na “plenitude dos tempos” (Gl 4,4) se realizou por obra do Espírito Santo o mistério da encarnação do Filho de Deus no seio da Virgem Maria (cf. Jo 3,16; Gl 4,4s; Lc 1,34s; Mt 1,18-20s). O Evangelho de São Lucas apresenta o encontro das duas primas grávidas; Isabel, sob o impulso do Espírito Santo, declara a Maria: “Como mereço que a mãe do meu Senhor venha me visitar?” (Lc 1,43). Em outros Evangelhos ela é chamada “a mãe de Jesus” (Jo 2,1; Jo 19,25).

“A Santa Igreja celebra com júbilo, no dia primeiro do ano, a Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. Por ser mãe de Deus, a Virgem tem uma dignidade de certo modo infinita, devido ao bem infinito que é Deus. E nessa linha não se pode imaginar uma dignidade maior, como não se pode imaginar nada maior que Deus”, afirma São Tomás de Aquino (*Suma teológica*, I, q. 25, a. 6,

ad). A Santíssima Virgem é, com razão, venerada pelos católicos com o culto especial (hiperdulia). Ela mesma declarou que “Todas as gerações me hão de proclamar bem-aventurada” (Lc 1,48).



**O título “Mãe de Deus” foi confirmado pelo magistério da Igreja, assim diz o Catecismo da Igreja Católica: “Com efeito, aquele que Ela concebeu como homem por obra do Espírito Santo, e que se tornou verdadeiramente seu Filho segundo a carne, não é outro senão o Filho eterno do Pai, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. A Igreja confessa que Maria é, verdadeiramente, Mãe de Deus (Theotókos)” (495)**



A alegria desse primeiro dogma mariano espalha-se entre todos os católicos ao redor do mundo. Segundo o Papa Bento XVI (2008), o dogma confirmou a devoção do povo cristão que ocorria desde o século III, com esse título “foi solenemente confirmada, por um lado, a unidade das duas naturezas, a divina e a humana, na pessoa do Filho de Deus e, por outro, a legitimidade da atribuição à Virgem do título de *Theotókos*, Mãe de Deus”.

O título “Mãe de Deus” é atribuído oficialmente a Maria no século V; ele foi proclamado como resposta às heresias e questões relativas à pessoa de Jesus Cristo, pois alguns negavam que Ele é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Dessa forma, o 3º Concílio Ecumênico, reunido em Éfeso em 431, confessou que “Maria se tornou, com toda a verdade, mãe de Deus, por ter concebido humanamente o Filho de Deus em seu seio”. Já o *Catecismo da Igreja Católica* diz que “Mãe de Deus não porque o Verbo de Deus dela tenha recebido a natureza divina, mas porque dela recebeu o corpo

sagrado, dotado duma alma racional, unido ao qual, na sua pessoa, se diz que o Verbo nasceu segundo a carne” (466).

Esse espetacular feito do Espírito Santo em sua Igreja causou maior impulso à devoção mariana. Avançaram as construções e várias igrejas dedicadas à mãe de Deus, dentre elas a belíssima Basílica de Santa Maria Maior, em Roma. Posteriormente, o Concílio de Calcedônia (451) confirmou esse dogma com a declaração de Cristo: “Verdadeiro Deus e verdadeiro homem, nascido de Maria Virgem e Mãe de Deus, na sua humanidade, para nós e para a nossa salvação”. Nos tempos atuais, o Concílio Vaticano II reafirmou a doutrina sobre a maternidade divina de Maria, na Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*, no capítulo oito com o tema “A Bem-aventurada Virgem, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja”, como nos disse o Papa Bento XVI (homilia, 15 de setembro de 2008).

O saudoso Papa João Paulo II destacou a harmonia do plano divino em relação ao papel de Maria realizado na ação salvífica do Espírito Santo, como mãe de Deus e nossa. No Calvário, as palavras que Jesus dirige à mãe e ao discípulo predileto são “Mulher, eis aí o teu filho” (Jo 19,26); no Espírito Santo, o Salvador pede à mãe o consentimento ao sacrifício do Filho para se tornar a mãe de uma multidão de filhos. A essa suprema oferta da sua Mãe, Jesus assegura um fruto imenso: Maria recebe

uma nova maternidade destinada a alcançar a todos os homens. Assim, em audiência-geral, explicou o Pontífice: “O dom da mãe universal estava incluído na missão redentora do Messias: ‘Depois, Jesus, sabendo que tudo estava consumado...’, escreve o Evangelista após a dupla declaração, “Mulher, eis aí o teu filho” e “Eis aí a tua mãe” (*ibid.*, 19,26-28). No mistério da encarnação, sua cooperação com o Espírito tinha desempenhado um papel essencial; também no mistério do nascimento e da formação dos filhos de Deus, o concurso materno de Maria acompanha a atividade do Espírito Santo” (1998, 31).

Ao concluir essa meditação, ouça as palavras do anjo a José

como dirigidas a você: “Não temas receber Maria (...); o que nela foi gerado vem do Espírito Santo” (Mt 1,20).

Sim! Não tema receber Maria, ela é verdadeiramente mãe de Deus e nossa por obra do Espírito Santo. Deixe a mãe de Deus gerar e formar um ser humano novo renascido pelo Espírito Santo. Juntos proclamemos: “Viva a mãe de Deus e Nossa!”, ●

**\*Rosa Maria Dilelli Cruvinel** é formada em Física pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG), em Teologia pela Faculdade Canção Nova, em Cachoeira Paulista (SP), e leiga consagrada na Comunidade Canção Nova.

